



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XVII Jornada de Pesquisa

CONSIDERAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO DO SER-DOCENTE¹

Adriana Kemp².

¹ Trabalho elaborado a partir de pesquisa de mestrado em Educação nas Ciências, intitulada “A leitura como formação do sujeito-professor”, sob a orientação da professora doutora Claudia Caimi.

² Mestre em Educação nas Ciências: Letras, Professora de Língua Portuguesa e Literatura no Instituto Federal Farroupilha - Campus Santo Augusto. E-mail: adrikemp@sa.iffarroupilha.edu.br

Resumo: Este trabalho consiste numa reflexão sobre a formação de professores do ponto de vista de sua subjetivação. A possível contribuição da pesquisa, de caráter bibliográfico, está na instigação para pensar a formação de professores como uma prática que não privilegie o aspecto técnico-instrumental, ligado apenas à dimensão epistemológica como fonte de conhecimentos, como instrumentalização para o ensino de determinados saberes. A perspectiva para a qual se aponta é de conceber a formação docente como espaço-tempo de construção/transformação da subjetividade do Ser-Docente, capaz de potencializar o desenvolvimento integrado das três dimensões concebidas como fundantes da docência: epistemológica, social e pessoal, num contexto sócio-histórico e cultural amplo e complexo.

Palavras-Chave: Formação de Professores, Subjetivação, Práticas Pedagógicas.

Introdução

O fazer docente exige do sujeito-professor competências que abrangem diferentes dimensões da atuação humana: comprometimento com valores estéticos, políticos e éticos inspiradores da sociedade democrática; compreensão do papel social da escola; domínio dos conteúdos a serem socializados, de seus significados em diferentes contextos e de sua articulação inter/transdisciplinar, bem como domínio do conhecimento pedagógico e de processos de investigação que possibilitem o aperfeiçoamento da prática pedagógica e o gerenciamento do próprio desenvolvimento profissional (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores).

Reconhecer essas competências como intrínsecas à docência implica pensá-la como um campo de atuação que integra três dimensões: epistemológica, social e pessoal. Com o objetivo de refletir sobre a formação docente como espaço-tempo de subjetivação, a abordagem feita neste trabalho baseia-se em Paulo Freire (1996), Michel Foucault (1972, 1984, 1995, 2004) e Jorge Larrosa (1994).

Metodologia

A pesquisa ora apresentada é de cunho bibliográfico, tendo como corpus de análise as noções teóricas desenvolvidas pelos autores estudados, buscando-se estabelecer a convergência de suas ideias sobre a formação de sujeitos e sua constituição como professores.



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XVII Jornada de Pesquisa

Resultados e discussão

Compreendendo a formação docente como algo que exige o desenvolvimento de múltiplas competências, entende-se a docência como um campo de atuação que integra as dimensões epistemológica, social e pessoal.

A dimensão epistemológica diz respeito à relação do sujeito-professor com o objeto de saber que tem o compromisso de ensinar, bem como a mediação que precisa estabelecer entre esse objeto de saber e os estudantes. Tal relação exige do professor uma série de competências e é perpassada pelas dimensões social e pessoal, que dizem respeito à sua relação com os sujeitos estudantes e com a comunidade, mas também, à sua relação consigo mesmo, dentro de uma realidade, de um campo sociocultural e econômico amplo e complexo.

Nesse sentido, pensar a formação de professores implica questionar: formar professores para quê? Para transmitir/repassar: conteúdos/conhecimentos; verdades/valores? Para desenvolver habilidades? Para problematizar/questionar: a realidade; os valores vigentes; as verdades instituídas? Para “dar o mundo” já pensado? Ou para ensinar a pensar?

Freire (1996) ressalta a necessidade de o docente, desde o princípio de sua experiência formadora, se convencer “de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 25). Ao se referir ao ensino como criação de possibilidades para a produção ou construção de conhecimentos, o autor concebe experiência como estreitamente ligada à subjetividade do professor. A noção de experiência formadora, que Freire liga à ideia da criação de possibilidades para a produção ou para a construção de conhecimentos, transcende a concepção de experiência como algo que se adquire no exercício prático de uma atividade e que proporciona um aperfeiçoamento desse exercício.

A prática educativa consiste em ensinar-aprender. E a autenticidade dessa prática implica uma experiência total, em todos os aspectos da vida humana, em que a beleza deve andar junto com a decência e a seriedade. Essa concepção aponta para a noção de Ser-Professor, que vai além do saber fazer e refere-se à subjetividade. Essa experiência total mencionada por Freire pode ser compreendida como a integração das três dimensões descritas: epistemológica, social e pessoal.

O educador, portanto, precisa ser não um transmissor de conhecimentos ou um treinador de habilidades e competências, mas um problematizador. Nesse sentido, “ensinar não se esgota no ‘tratamento’ do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível” (FREIRE, 1996, p. 29).

Na perspectiva de Freire, a formação do professor problematizador exige pesquisa, respeito aos saberes dos estudantes, criticidade, estética, ética, corporeificação das palavras pelo exemplo, risco, aceitação



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XVII Jornada de Pesquisa

do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação, reflexão crítica sobre a prática, reconhecimento e promoção da identidade cultural e reconhecimento da própria subjetividade como inconclusa.

Reconhecer-se inconcluso, cindido, descentrado oferece ao sujeito a possibilidade de abertura aos outros e à linguagem, e permite o estar-se construindo, constantemente. A formação do sujeito-docente constitui-se de um processo constante e ininterrupto, que vai além do espaço da sala de aula e do cumprimento das “tarefas” propostas ou impostas pelos professores formadores, pois aponta para a própria vida. O tempo da formação confunde-se com o tempo da vida. Nesse sentido, a formação docente é mais do que sua preparação para um fazer pedagógico, pois implica também um modo de ser do sujeito (subjetividade) e, portanto, transcende a temporalidade destinada ao processo formativo em suas instâncias convencionais (cursos de formação); refere-se à própria existência, à vida do sujeito-professor.

Nessa perspectiva, a formação docente institucionalizada é concebida como espaço-tempo de potencialização de determinadas competências. O desenvolvimento dessas competências pressupõe um processo de formação que vai além do domínio de “conteúdos a serem ministrados” e aponta para um Ser-Professor, cuja atitude diante do mundo deve ser de reflexão e crítica. Aprender a ser professor, neste entendimento, transcende o domínio técnico de “conteúdos a serem ministrados”; implica construir/reconstruir subjetividades; e exercer a docência, por sua vez, implica interagir com outras subjetividades e agir sobre elas.

O docente é concebido, na perspectiva desta abordagem, como alguém que “projeta coisas”, alguém cuja atitude diante do conhecimento é capaz de influenciar a atitude dos outros. Tem-se, então, no espaço pedagógico, para além do encontro entre sujeitos e determinada(s) área(s) de saber, o encontro entre diferentes sujeitos que se concretiza nesse espaço intersubjetivo. E esse encontro não constitui um momento em que subjetividades já dadas, prontas, acabadas deparam-se e influenciam-se mutuamente no que diz respeito as suas relações com os saberes. Esse encontro é produtor e transformador de subjetividades sempre em construção.

Conforme Tardif (2002), interessar-se pela subjetividade dos professores é “tentar penetrar no próprio cerne do processo concreto de escolarização, tal como ele se realiza a partir do trabalho cotidiano dos professores em interação com os alunos e com os outros atores sociais” (p. 228). As pesquisas que tentam levar em consideração a subjetividade dos professores, desenvolvidas nos últimos anos, baseiam-se em diferentes orientações teóricas, das quais o autor destaca três: 1) pesquisas sobre a cognição ou sobre o pensamento dos sujeitos docentes, de inspiração psicológica; 2) pesquisas que estudam as histórias de vida desses sujeitos, seus próprios relatos e metáforas pessoais referentes ao seu ofício, de inspiração fenomenológica; 3) pesquisas de cunho interacionista, nas quais a subjetividade dos professores remete às categorias, regras e linguagens sociais que estruturam suas experiências nos processos cotidianos de comunicação e de interação. Essas diferentes concepções mostram que a questão da subjetividade é rica e complexa, e pode ser estudada através de enfoques variados.





Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XVII Jornada de Pesquisa

Privilegiar a subjetividade dos professores não pode, entretanto, significar partir do próprio sujeito como se este fosse um desde sempre aí, isto é, “algo sempre dado, como uma entidade que preexiste ao mundo social” (VEIGA-NETO, 2003, p.131).

A noção de sujeito que norteia a compreensão apresentada nesta abordagem é perpassada pela ideia de que nos tornamos o que somos (e estamos nos tornando continuamente – somos um vir a ser, pois nunca estamos prontos). Veiga-Neto (2003), a partir de Foucault, afirma: “nos tornamos sujeitos pelos modos de investigação, pelas práticas divisórias e pelos modos de transformação que os outros aplicam e que nós aplicamos sobre nós mesmos” (p.136). Foucault, no célebre texto O Sujeito e o Poder, no qual retoma sua obra e justifica sua dedicação em estudar o poder em função de seu especial interesse pelas formas de subjetivação, refere-se a “práticas divisoras” e as define como as práticas que dividem o sujeito no seu interior e em relação aos outros, ou seja, através das quais é possível estabelecer as dualidades que são colocadas em oposição binária: “o louco e o são, o doente e o sadio, os criminosos e os ‘bons meninos’” (FOUCAULT, 1995, p. 231).

A subjetividade não é um dado prévio nem um ponto de partida; é um processo constante e complexo em que não somos apenas influenciados por fatores externos a nós mesmos, pois esses fatores – sociais, culturais, políticos, econômicos, educacionais – não são tão externos; eles nos constituem, nos objetivam subjetivando-nos, ou seja, o sujeito é “fabricado” a partir de sua objetivação em diferentes campos de saberes e práticas de poder que o dividem e o classificam, bem como por sua autossubjetivação através do trabalho e da reflexão sobre si mesmo (FOUCAULT, 1995).

Em outra obra, Foucault (1972), concebe o sujeito apontando para a ordem do anonimato; segundo ele, o que o sujeito enuncia não tem origem nele mesmo, e sim no campo discursivo em que está inserido. A subjetividade não é fundante da linguagem, mas sim fundada e constantemente produzida por ela, sendo atravessada pelo inconsciente.

Na sequência de seu pensamento, cujas referências aludidas aqui se limitam às obras Vigiar e Punir e História da Sexualidade (volumes I, II e III), a noção de sujeito que subjaz às reflexões de Foucault aponta para uma construção histórico-discursiva operada por dois dispositivos distintos: “sujeito [assujeitado] a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento” (FOUCAULT, 1995, p. 235). O pensador reage diretamente contra qualquer realismo ou essencialismo do eu. A subjetividade é apresentada como resultado – constante e nunca acabado - de um complexo processo histórico de fabricação no qual se entrecruzam, no âmbito de uma cultura, práticas discursivas que definem a verdade do sujeito e regulam seu comportamento, colocando em evidência uma complexa relação de forças entre campos de saber e poder.

A partir de Foucault, pode-se entender que o sujeito é construção discursiva, é fruto de uma complexa teia de discursos produzidos com base numa relação entre saber e poder. A pretensa individualidade do





Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XVII Jornada de Pesquisa

sujeito não pode ser tomada, portanto, como um dado não problemático. A subjetividade é um dado histórico.

Larrosa (1994), ao estudar a constituição do sujeito pedagógico, a partir de um referencial foucaultiano de análise, lembra que:

a ideia do que é uma pessoa, ou um eu, ou um sujeito, é histórica e culturalmente contingente, embora a nós, nativos de uma determinada cultura e nela constituídos, nos pareça evidente e quase ‘natural’ esse modo tão ‘peculiar’ de entendermos a nós mesmos [...] O homem é, sem dúvida, um animal que se autointerpreta (p. 40).

E o autor vai além, ressalta a diversidade dessas autointerpretações, afirmando que elas também podem ser colocadas em uma perspectiva histórica e/ou antropológica. As interpretações que os sujeitos fazem de si mesmos podem variar conforme o contexto sócio-histórico, cultural e econômico em que estão inseridos.

O sujeito-professor pode ser tomado, portanto, como uma construção histórico-ideológica. Construiu-se, ao longo do tempo, e através de um conjunto de técnicas de saber-poder, em diferentes espaços discursivos, uma representação do sujeito docente.

Conclusões

O campo pedagógico é compreendido, no contexto desta abordagem, como espaço-tempo de desenvolvimento integrado das dimensões epistemológica, social e pessoal do Ser-Docente, como espaço-tempo de sua subjetivação. E as práticas pedagógicas destinadas à formação docente, como transformadoras da própria subjetividade do sujeito-professor, que já vem em constante formação ao longo de sua vida, emergindo de suas experiências.

A partir dessa concepção é que se faz indispensável a articulação de projetos de formação continuada de docentes, tendo como intencionalidade muito mais do que o aperfeiçoamento profissional nas mais variadas áreas de atuação, mas, especialmente, como espaços-tempos de estudos, discussão e reflexão crítica sobre temas que perpassam não só a atuação, como também a constituição do Ser-Docente, como subjetivado e subjetivador.

Referências

FOUCAULT, Michel. Arqueologia do Saber. Petrópolis: Vozes, 1972.

_____. História da Sexualidade 1: A vontade de saber. Traduzido por Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1984.



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XVII Jornada de Pesquisa

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. Vigiante e punir: nascimento da prisão. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). O sujeito da educação: estudos foucaultianos. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MARKERT, Werner. Trabalho e Comunicação: reflexões sobre um conceito dialético de competência. In: Educação & Sociedade, ano XXIII, n. 79, ago. 2002, p. 189-211.

RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 1, de 18 de fevereiro de 2002.

TARDIF, Maurice. Saberes Docentes e Formação Profissional. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

VEIGA-NETO, Alfredo. Foucault e a educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.



Para uma vida de CONQUISTAS